

**1ª COLETÂ尼亚 DE CRÔNICAS DE RENE RUAS**

**AUTOR: RENE RIVALDO RUAS**

**SANTOS – SP – BR**

**2021**

## ÍNDICE

O HOMEM E SUA SOMBRA	pág. 3
NEGRA VOZ	pág. 5
ENTRUDO, O RETORNO	pág. 7
ALELUÍÁ, É SÁBADO	pág. 9
BYE BYE CARNAVAL	pág. 11
SANTOS SEM AGOSTO	pág. 15
ELTON MEDEIROS	pág. 17
ACADÊMICOS DE HELSINQUE	pág. 19
DE VOLTA PARA O FUTURO	pág. 20
DOIDA CANÇÃO	pág. 22
MIÚCHA	pág. 24
BEDEL DO CORAÇÃO	pág. 26
ENCANTADOR DE MULTIDÕES	pág. 29
DAMA DA CENTRAL	pág. 31
CABO WILSON	pág. 33
CHORANDO PELO MUNDO	pág. 35

## O HOMEM E SUA SOMBRA

*“A minha vida é feliz. Eu sou assim como um galho que foi abrindo caminho, foi ao quintal do vizinho com a permissão da raiz. A África me deu o berço. Oralian agradeço. No Egito, Judéia, Roma em todo canto só é livre quem guarda no coração sua herança, quem tem total confiança e busca sua segurança na força de suas raízes.” (Altay Veloso – Alabê de Jerusalém)*

Entre meias lua de compasso, rabos de arraia, separa o visgo e tiririca foi que conheci o vagulino e ardiloso Mestre Sombra, ainda Roberto Teles de Oliveira. Ensacador, estivador e capoeirista, aluno do Mestre Bispo. Eu, ainda muito jovem, tinha total confiança nas raízes de meus ancestrais vindos do reino de Daomé. Agradeço também a Oralian que me apresentou, quando menino, a grandeza e a sabedoria dos velhos mestres de Aruanda. Landulfo, Daniel Feijoada, Diamantino Cavaco, Valdir e Vô Mariana que nasceu de Ventre Livre. Desses velhos mestres me veio o Samba, o Choro, Folia de Reis, Lundu, Chula Raiada e que, como tatuagem, cravou minha alma definitivamente. Naturalmente fui beber água nas fontes dos Deuses do

Panteão de Daomé. Ouvi Ogum e Oxóssi nos atabaques, no Abebé de Oxum, no Xére e nos Maracás de Ogum. Ouvi todos os cantares e dançares, Pastoris, Cheganças, Congos, Congadas e Moçambique. A capoeira me veio por acréscimo. Jovem adolescente, mergulho nos mares revoltos dos livros e das histórias e conheço Jubiabá. Eis que encontro a tal capoeira nas páginas da Bahia de Jorge Amado. Nas minhas andanças pelas vielas, becos e costado dos navios no cais do porto, fico sabendo, através de um marujo, que, lá pelas bandas do Grêmio da Estiva, clube de velhos estivadores, de uma roda de capoeira jogada por um capoeirista de nome estranho. “Sombra”, Mestre “Sombra”. Um dia, que já nem lembro, fui ao Grêmio e lá encontro o calado mestre, ainda sem a carobinha branca e refugiado nos seus pensamentos. Sem dúvidas ali estava meu velho irmãozinho que eu já conhecera talvez do outro lado do Atlântico, em Daomé, em Benin ou em outras tantas terras das profundezas do Continente Negro do começo da vida deste vasto mundo. “Da Bahia me mandaram uma camisa bordada, na abertura da camisa tinha o nome da safada, Lioné!” “Olê Lioné! Cade Lianô? Qu’eu tava na varanda quando a morena

passô, Lioné!” (Cantoria da dança do Côco) E fincamos nossa amizade de camaradas de muitos caminhos na criação da Associação de Capoeira Senzala lá pelos idos dos anos 70. Fomos travando nossas conversas e nossas dúvidas nas voltas que o mundo dá camará e, mais do que amigo, ficamos camaradas, irmão, irmãozinho. Sofremos com nossas perdas e sorrimos a cada encontro de abraços fraternos. Nos sons do berimbau e na batida do tambor, o sempre calado Mestre Sombra, que se exprime através dos olhares, segue a vida mostrando aos mais jovens, os caminhos, becos e vielas e, como dizia o poeta, as quebradas do mundaréu. Na sagrada roda da capoeira muitos capoeiristas rodaram e dançaram e cantaram, muitos ficaram mesmo se afastando e tantos outros que se tornaram homens, pois que foram meninos nas voltas que o mundo dá. O Mestre Sombra mostra que, mesmo sem pressa, podemos chegar na frente, não por soberba, mas por conhecimento dos caminhos percorridos com humildade e paciência e, ainda hoje, onde chega, fica na última roda esperando a sua hora, pois quem sabe faz a hora, não espera acontecer disse alguém. Por natureza e por sabedoria dos tempos, Mestre Sombra, nestes tempos, já com a carobinha branca como o capucho do algodão, fez por criar homens em outras terras de estranhos falares, imensa irmandade que se espalha pelo mundão a fora comemorando quarenta anos de vida nas rodas da capoeiragem. Por tudo isso, meu velho amigo e irmãozinho, cá estamos nós, também com a carobinha branca, com filhos, netos e tantas rodas vividas ao som dos berimbaus, desejando outras tantas rodas para se jogar a capoeira dos velhos mestres de Aruanda do Panteão de Daomé, afinal, meu velho, o homem é, e sempre será a sua própria sombra até o final dos tempos. “Ai! Eu não sou daqui, nem aqui quero morá. Coa ouro, coa ouro, peneira que coa ouro, Ai! Iaiá! Não pode coá fubá. Uma infeliz como eu, mora em qualquer lugá.” (Cantoria da dança do Recortado)

## NEGRA VOZ

“Canta cigarra noturna quero ouvir teu cantar” José Leopoldo –  
Buick

O compositor Paulo Vanzolini foi se aproximando bem devagar e logo escutou a voz forte que vinha do fundo do botequim e lá estava o dono da bela voz, Mauricy Moura. Paulo Vanzolini esperou, esperou e o homem não apareceu. Esperou em vão. Mauricy não apareceu mesmo. Afinal era o primeiro negro a ter um programa de TV só seu e ao vivo, isso lá pelos idos dos anos cinquenta. Era o único personagem. E o homem não apareceu. Preocupado, Vanzolini desceu a serra e foi até São Vicente. Dona Georgina, mãe de Mauricy, disse que o filho estava metido em um botequim. Vanzolini encontrou o nosso astro nos fundos do boteco comendo lasquinhas de bacalhau cru, tomando uma cachacinha e cantando para o português, dono do boteco, pelo menos há uns dois dias. Era essa a vida do rebelde Mauricy Moura que morreu jovem aos cinquenta e um anos de idade.

Mauricy, ainda muito menino, incentivado pela mãe Dona Georgina, iniciou sua carreira junto com o irmão

Mauricio, talentoso violonista e com ele criou o Regional Calunga. No ano de 1948, Mauricy ingressa na Rádio Atlântica de Santos e, em 1950, levado pelo cantor Silvio Caldas, é contratado pela Rádio Excelsior, nesse mesmo ano se transfere para a Rádio Record. Em maio de 1952 grava seu primeiro disco (78rpm), com a música “Não digas nada”. E, exatamente há 60 anos, no ano de 1953, grava a canção “Incerteza” composição de dois novatos compositores, Tom Jobim e Newton Mendonça. É isso mesmo, a primeira gravação de uma música do Maestro Antonio Carlos Jobim, coube ao arredio Mauricy Moura. O que importa aqui, na verdade, é destacar a postura de Mauricy Moura frente ao mundo nem sempre muito honesto e nada transparente de empresários e comerciantes da noite e a sua independência em relação ao cenário musical da época, não se submetendo, em hipótese alguma, a modismos viciados de qualidade duvidosa. Não senhores, a negra voz não fazia concessões, cantava o que bem queria cantar. A independência de Mauricy era, muitas vezes, confundida com arrogância. Definitivamente era um negro que não conhecia o seu lugar, era o dono de seus atos, negro de alma negra. Os empresários da noite sofriam na mão do cantor, pois, entre os contratos e cantar para um amigo

num boteco qualquer, ficava quase sempre com a segunda opção. Não se apegava a bens materiais, só o essencial, no caso um ouvinte e um violão. De dinheiro não dependia, ao contrário, desprezava. Nas palavras do biógrafo Mário Santos: “Ele e seu próprio valor eram medidos pela presença sempre útil, valiosa e concentradora em qualquer ambiente que freqüentasse.” Outra curiosidade a respeito de Mauricy é que ele não andava com documentos. Ele era a sua própria identificação. Mauricy Moura se bastava. Seu violão, sua negra voz e a única amiga, a boemia. Citando mais uma vez Mário Santos: “Quando cantava, onde estivesse, o silêncio se fazia presente. Era o respeito a uma voz marcante, canto inigualável.” Seu compromisso, afinal, era com a música, com a noite, parceira e amiga. Essa visão nada profissional custou muito caro ao Mauricy Moura que morreu em 1977 e, graças a alguns poucos amigos, não foi enterrado como indigente. Não tinha mais ninguém por perto. Alma negra, negra voz.

## **ENTRUDO, O RETORNO.**

O carnaval santista, durante muitos anos seguidos, ditou moda, não só para a Capital, como também para todo Estado de São Paulo e, até para algumas outras capitais. Percebe-se, entretanto que, depois dos anos 80, a cidade foi ficando para trás, fazendo do seu carnaval, infelizmente, uma festa triste e empobrecida. Voltando um pouco na história, é bom informar que o Carnaval Brasileiro nasceu do Entrudo que foi trazido pelos portugueses. O Entrudo – são os três dias que antecedem a Quaresma. O Carnaval, na sua origem, se perde no tempo e, na sua essência, surge das festas pagãs do Egito ou nas bacanais de Roma. Com muitas transformações, o Carnaval, chega a outros povos e, logo vira festa tradicional. Entre os séculos XV e XVI, o carnaval, em Portugal, chega na forma de Entrudo, com muita grosseria e violência. Assim é que esse carnaval chega até nós com os colonizadores e que logo toma conta de todos e de tudo. Logo de cara, no século XVII se faz necessário a reação da polícia para conter os excessos produzidos pelas brincadeiras (?) de mau gosto do tal Entrudo. Apesar da vulgaridade e das bárbaras brincadeiras, essas festividades faziam grande sucesso entre os nobres, plebeus e escravos, sendo, entretanto, vedado aos escravos o direito do brincar no entrudo. Tanto D. Pedro I, bem como seu filho, eram doidos pela brincadeira vulgar. A coisa era tão séria que, já em 1850, houve uma grande confusão com o envolvimento de dois dos mais conhecidos e influentes cavalheiros da incipiente sociedade santista e que foi parar no Tribunal de Santos. Com a criação da Sociedade Carnavalesca Santista em 1857 e com as novidades que chegam da Corte, o carnaval de Santos, a partir do início do século XIX, toma um novo rumo com o surgimento dos grupos e grandes sociedades que vão determinar a vocação de Santos para o Carnaval, notadamente, o carnaval de rua, que sempre foi a riqueza e a diferença que se estabeleceu entre o nosso carnaval e o carnaval de outras cidades e capitais. Desaparecendo as brincadeiras do Entrudo, Santos vive, entre os anos trinta e o final dos anos sessenta, os melhores períodos do carnaval de rua, se transformando, depois do Rio de Janeiro, em um dos maiores e melhores carnavais de rua, ao menos do Estado de São Paulo, incluindo-se a Capital. Em meados dos anos setenta tem início a decadência do carnaval santista com o desaparecimento dos Corsos, Blocos, Ranchos e Choros, bem como o enfraquecimento e posterior desaparecimento dos Bailes carnavalescos dos Clubes, sobrevivendo apenas, com muita luta e persistência, as bravas Escolas de Samba. Uma das maiores e melhores representantes do carnaval de rua foi, sem dúvida

alguma, o “Dona Dorotéia, vamos furar aquela onda?”. Criada em 1923, Dona Dorotéia, por cerca de sessenta e sete anos (acabou em 1990), brindou o povo santista com o melhor do carnaval de rua. Quem tomou parte lembra com saudades das brincadeiras dos patuscos com suas fantasias de papel que facilitavam o banho de mar depois dos desfiles. Lamentavelmente, os desfiles de “Dona Dorotéia”, foram encerrados ainda na década de 1990. Transcrevo aqui algumas palavras encontradas nos jornais da época que descreveram o último, triste e melancólico desfile da “Dona Dorotéia”. Agressões, gestos obscenos, violência, muita gente embriagada, brincadeiras grotescas, falta de respeito, falta de educação e uma mar de vulgaridade. É fácil perceber que foi um breve renascimento do arcaico e fora de moda Entrudo, depois de um século e meio. No final dos anos sessenta, no Rio de Janeiro, alguns foliões resolvem criar a Banda de Ipanema e, logo em seguida, o pessoal do José Menino, aparece com a Banda da Divisa. De vida efêmera, a Banda da Divisa se apresentava com lindas mulheres, por isso logo se tornou a queridinha do carnaval santista. Era uma Banda cheia de charme e dado o seu sucesso começou a pipocar uma infinidade de Bandas, claro, sem o charme e a elegância da Banda da Divisa. Outra moda que Santos importou, essa sim, infelizmente, ainda nos anos oitenta, foi a dos chamados “Trios Elétricos”, com seus infernais alto falantes e o horroroso perfume de óleo diesel. As Bandas, como o atual carnaval de rua, são todas iguais, com o mesmo carnaval de camisetas e os indefectíveis e primários sambas (?) de enredo (?). Esses desfiles, além de melancólicos, contam agora com a tal serpentina de garrafa que é desagradável e sem nenhum charme e bom gosto. Fantasias nem pensar. Temo que, através desses desfiles, o carnaval santista de rua, lamentavelmente, volte aos péssimos costumes do vulgar e grosseiro Entrudo. Estamos a poucos passos disso. Ora senhores, o Carnaval de Santos sempre ditou normas e, atualmente, está na contramão dos carnavais de outras cidades, pois, nos desfiles desses agrupamentos carnavalescos, nessas cidades, poucos são os grupos de rua que ainda se utilizam do tal caminhão de som e, convenhamos, já está mais do que na hora da volta as origens, ou seja, vamos botar nossos blocos na rua.



## **ALELUIA! É SÁBADO!**

Na quarta-feira de cinzas a cidade emudecia. As estações de rádio, logo cedo, substituíam as músicas mais animadinhas pelas músicas bem mais tristes. A mãe, Dona Maria, carnavalesca mor, guardava com muito carinho o chamado trio arrasa quarteirão, confete, serpentina e lança perfume. As fantasias da festa já estavam lavadas, passadas e bem guardadas. O estandarte da turma também já estava guardado esperando o sábado de Aleluia. A Quaresma, em casa, era levada muito a sério. A mãe, católica, devota de São Judas, não perdia nenhuma missa de domingo e guardava a Quaresma como mandava o figurino, trazendo a turma nas rédeas, ao mesmo tempo em que não perdia uma sessão do Centro do Seu Arlindo toda sexta-feira. O pai, espanhol e rei da teimosia, ao contrário da mãe, ingenuamente ateu, levava fé apenas no trabalho: “Filho, do céu só cai chuva e raio. Eu que não trabalhe pra ver.” A molecada passava aqueles tristes dias rezando muito pra chegar bem rápido o tão esperado sábado de Aleluia, não só pela malhação do Judas que era uma festa, mas, principalmente, pela chegada dos bailes de Aleluia que eram o prenuncio do próximo Carnaval. Quando chegava a Semana Santa, a turma se aprontava para a malhação de Judas. No início da semana, dita Santa, começava a confecção dos bonecos. Os bonecos, que seriam malhados no sábado, ganhavam nome de políticos, porém, na maioria das vezes ganhava mesmo era o nome do vizinho chato da rua que furava a bola da molecada. E chegava o tão esperado sábado de Aleluia. Aquele bando de moleques se reunia ao meio dia em ponto e, num carnaval dos diabos, botavam fogo nos bonecos. Tinha início assim, ao som do “Ô jardineira porque estás tão triste”; “Confete, pedacinho colorido de saudade, ai, ai, ai”, a malhação de Judas, uma festa, aliás, que os meninos não entendiam muito bem. Tão logo terminava a festejada malhação de Judas, se iniciava a tão esperada operação baile de carnaval. Na base da vaquinha, a turma logo conseguia juntar um dinheirinho para os comes e bebes, pois que ninguém é de ferro e, cá pra nós, brincar no salão das 11 da noite até as 4, 5 da manhã, precisava, além de muita animação, muito preparo físico. O sábado de Aleluia, além da malhação de Judas, era o ponto de partida para o Carnaval do ano seguinte. Todos os Clubes da cidade se preparavam para o grande dia. O tão esperado Grito de Carnaval. A cidade, a partir do sábado de Aleluia, se organizava e planejava o próximo Carnaval. Os Blocos, Ranchos, Choros e Escolas de Samba faziam, do sábado de Aleluia, a bem dizer, o início da programação para o desfile do Carnaval do ano seguinte, Batalhas

de Confete que animavam os bairros da Cidade e o mais que esperado, Dona Dorotéia vamos furar aquela onda. A mãe, que organizava toda a folia, além de responsável pela guarda das fantasias era quem bolava as do próximo ano, pois que naqueles tempos, a cidade, nem mesmo terminava o carnaval, já se preparava para o próximo. Cidade festeira, talvez, nunca mais.

## **BYE, BYE CARNAVAL**

“Carnaval, desengano deixei a dor em casa me esperando e brinquei e gritei e fui vestido de rei, quarta-feira sempre desce o pano.”  
(Chico Buarque)

Eu sei leitor amigo, estou cansado de saber, Carnaval não há. Não, não vou, de forma alguma, num discurso saudosista, falar da beleza dos antigos carnavais cá da terrinha, não vou, mais uma vez, falar que fomos o segundo melhor carnaval do País. Não me iludo com ufanismos jecas e bobalhões. Afinal, quem nasceu primeiro o ovo ou galinha? Isso ninguém pode responder, porém, posso afirmar sem medo de errar que, o carnaval nasceu muito antes do aparecimento das Escolas de Samba. Mesmo no Rio de Janeiro, capital do samba, as Escolas de Samba vão surgir, embrião das grandes escolas de hoje, somente em 1928, onze anos depois da gravação do primeiro samba, “Pelo Telefone”, em 1917, composição de Donga (Ernesto Joaquim Maria dos Santos – 1890/1974) e Mauro de Almeida – (1882/1956). Ainda na Bahia, as autoridades da época, descontentes com os rumos do Entrudo(1) (trazido pelos portugueses), conseguem organizar seu carnaval a partir de 1884, tomando como exemplo as novidades vindas do Rio de Janeiro, iniciando o processo para conter os agressivos entrudos, realizando os primeiros bailes de salões, festas a fantasia, corsos, blocos e sociedades carnavalescas. A partir de 1950 é que a Bahia, na contramão de outros centros, vai dar forma ao seu carnaval que, ainda sofria com os últimos suspiros dos entrudos, com a “invenção” do primitivo “trio elétrico” de Dodô e Osmar, chegando aos dias de hoje com os famigerados, gigantescos e altamente lucrativos (para poucos) “Trios Elétricos”. Porto Alegre foi e é também uma capital muito carnavalesca e, como tantas outras cidades, sofreu muito com o Entrudo que foi proibido naquela Capital ainda em 1847, desaparecendo, entretanto, somente no final do século XIX. No início do século XX, os gaúchos de Porto Alegre brincavam o Carnaval nos grandes bailes, porém a patuleia brincava mesmo era nos blocos, tribos, cordões e ranchos carnavalescos e somente em 1960 é que vão surgir as primeiras Escolas de Samba, naquele Estado. No Rio de Janeiro, com relação ao entrudo, não foi diferente, aliás, festejo muito apreciado pelos dois imperadores, entusiastas do vulgar folguedo, porém nas últimas décadas do século XIX é que o carnaval do Rio passa a ter aspectos coloridos e menos agressivos. Em 1835, no dia

07 de fevereiro realiza-se o primeiro baile de carnaval e, neste mesmo ano começam a surgir as primeiras máscaras. Com algumas divergências nas datas, 1846 ou 1852, é certo, porém, que é através do sapateiro português José Nogueira de Azevedo Paredes, que surge a figura do Zé Pereira. Reunindo alguns companheiros, José desfila na tarde de segunda-feira de carnaval tocando bumbos e promovendo verdadeira esbórnica. Em 1855 surge também a sociedade Congresso das Sumidades Carnavalescas que promove a primeira passeata. Na verdade, o carnaval do Rio de Janeiro começa a tomar forma no final do século XIX com aparecimento dos Ranchos, Blocos, Sociedades Carnavalescas, Cordões, e, bem no finalzinho desse século, em 1899, Chiquinha Gonzaga (Francisca Edwiges Neves Gonzaga – 1847/1935), maetrina, compositora, compõe para o Cordão Rosa de Ouro, a marcha imortal “Ô Abra Alas”, considerada a primeira marcha de rancho do carnaval brasileiro. As primeiras Escolas de Samba vão surgir apenas no século XX, no final dos anos 20. Como bem diz o saudoso compositor Seu Jair do Cavaquinho (Jair Araújo da Costa – 1922/2006), sócio número um da Portela: “A Portela no início desfilava com violões, cavaquinhos, pandeiros e porta-estandarte”. O surdo e o tamborim vão surgir apenas em 1932, levado pelo compositor Bide (Alcebíades Barcelos – 1902/1975) um dos fundadores da Escola de Samba Deixa Falar – a primeira Escola de Samba. Cá em Santos, os primeiros festejos carnavalescos, não podia ser diferente, surgiram também com o Entrudo e uma forte influência das festas religiosas, São Gonçalo e Folia de Reis que, junto com as várias formas de ritmos e mais o batuque dos escravos, vão desaguar nos primeiros agrupamentos musicais que desfilavam pelas poucas ruas da cidade. Para combater e banir de vez o agressivo Entrudo dos festejos é que em 1857, alguns foliões criam a Sociedade Carnavalesca Santista para organizar, como se fosse possível, a incipiente folia carnavalesca de Santos. Mesmo com toda crítica que se possa fazer ao Entrudo, não se pode negar, porém, que foi através dele que o Brasil formou seu Carnaval. Pode-se afirmar que, o primeiro Carnaval de Santos acontece no ano de 1858, tendo em vista a criação da Sociedade Carnavalesca Santista em 1857. Em 1860 surge o grupo dos “Encamisados” acompanhados de banda musical. Daí em diante o Carnaval Santista segue com Grupos, Clubes, Tribos, congressos, bailes a fantasia em teatros, Zé Pereira e Vilões. O Carnaval Santista, de rua, ganha um grande impulso no final do século XIX, quando surgem conjuntos chamados “Vilões”, afamados pela elegância e garbo na realização de uma dança, conhecida como jogo de pau, que toma por base uma melodia bem rudimentar e, como tantas manifestações carnavalescas, tem vida efêmera. Mesmo fora do período carnavalesco, meados do século XIX, alguns

conjuntos musicais faziam serestas tocando músicas românticas, canções e “dengosos” lundus. Durante o carnaval alguns desses grupos se apresentavam nas ruas, como por exemplo, em 1903, o Grupo dos Boêmios que se apresenta em frente ao jornal O Diário com bandolins, guitarras e violões, tocando quadrilha, lundu, maxixe, polca, modinhas e até o chamado tanguinho brasileiro. No ano seguinte, em frente ao jornal A Tribuna, se apresenta o Grupo dos Pierrôs com violões, guitarras, bandolins, cavaquinhos e pandeiros. Mas é em 1919 que, como consequência desses agrupamentos musicais, surge o primeiro conjunto de Choro, o Choro Carnavalesco Sapeca Choro que vai desaguar numa infinidade de Choros Carnavalescos que só vão desaparecer lá pelos idos de 1970. Tudo leva a crer que, os Choros Carnavalescos são agrupamentos únicos e exclusivos do carnaval santista, pois, não são encontrados, em lugar algum do País, manifestação similar. Os primeiros Blocos carnavalescos surgem a partir de 1917, quando é criado o Bloco dos Cariocas dando o pontapé inicial na formação clássica do mais rico e exuberante carnaval de rua da cidade. Outra criação do Carnaval Santista, que embelezou maravilhosamente o carnaval de rua, foi a dos Ranchos Carnavalescos – o primeiro Rancho fundado em Santos foi o Rancho Filhos do Dever, em 1923. O último desfile dos Ranchos foi em 1974, com a despedida do Rancho dos Boêmios que foi fundado em 1931, sendo, inclusive, o último campeão. Os batuques, em Santos, eram sobejamente conhecidos pela população, pois que, em 1866, já se reclamava de “um batuque de negros que, todos os sábados, lá pela Vila Nova, irrompe pela noite adentro, importunando os moradores das ruas Áurea (General Câmara) e do Rosário (João Pessoa).” Ao que tudo indica seria apenas um ensaio carnavalesco de uma Comuna de Gente Preta, conforme nos conta o escritor e pesquisador Bandeira Junior no seu indispensável “História do Carnaval Santista”. Pelo jeito, esse tipo de reclamação, em Santos, é bem antiga. Ainda em seu livro, Bandeira Junior, explica que, o primeiro agrupamento com o título de Escola de Samba, em Santos, só vai surgir em 1939, com a Escola de Samba do Mestre Moura que animava os bailes do Clube “6 de maio”. Em 1941, a Escola de Samba “163” disputa como bloco no concurso promovido pelos comerciantes do Gonzaga – informação também contida no livro “História do Carnaval Santista” – mas é somente em 1944 que surge a Escola de Samba X-9, que completa, neste ano, 71 anos de vida, sendo, portanto, a Escola de Samba mais antiga em atividade na cidade, além de estar entre as mais antigas do País. A questão que se propõe aqui é a de tentar esclarecer que, o carnaval de rua, tanto lá, quanto cá, tem sua origem, sem dúvidas, na chegada do grosseiro Entrudo trazido pelos colonizadores. Os excessos, na agressiva brincadeira do entrudo no século XVII já

provocava a reação policial. Essa vulgar brincadeira só vai terminar ou diminuir no final século XIX, com a criação de organizações que tentavam disciplinar o carnaval – no Rio de Janeiro o Congresso das Sumidades Carnavalescas (1855) e em Santos, a Sociedade Carnavalesca Santista (1857). Mas a evolução do carnaval cá na terrinha, principalmente, foi e sempre será a vocação da cidade para o carnaval, queiram uns ou não. O crescimento do carnaval santista se dá a partir de 1920, e, dos anos 40 até o final dos anos 60 do século passado, o carnaval de Santos tornase o mais importante carnaval do Estado de São Paulo, entre os maiores do Brasil, provocando, inclusive, um afluxo significativo de turistas para a cidade, não só no período de carnaval, como também nas férias de meio e de final de ano. Por coincidência ou não, sintomaticamente, a decadência do carnaval santista se dá a partir do início dos anos 70. Nesse mesmo período, junto com a decadência explícita do nosso carnaval, a cidade também perde os bondes, o Parque Balneário, o Samba Danças, Daniel Feijoada, Maurici Moura, “Dona Dorotéia vamos furar aquela onda?”, Bailes de Carnaval de Clubes e por pouco não vai o Coliseu e outras tantas histórias e tradições. De tudo, ficou apenas a resistência e a luta das Escolas de Samba para se manter íntegras com um pouco de dignidade, porém, com profunda tristeza, posso afirmar que, Carnaval, de rua, não há.

(1) ENTRUDO – Entrada. São os três dias que antecedem a Quarema. CONSULTAS. “História do Carnaval Santista” – Bandeira Junior “O Carnaval carioca através da música” – Edigar de Souza -

## SANTOS SEM AGOSTO

“Eu fui no Itororó beber água não achei, achei bela morena que no Itororó deixei.” (cantiga de roda santista)

A inexistência de manifestações populares, folclóricas, em Santos, sempre me intrigou. O mês de agosto, como é do conhecimento de todos, é o tempo em que o País comemora as chamadas manifestações populares, o mês do folclore, porém, em nossa cidade, esse período passa em branco, ou seja, não há nenhuma atividade cultural em que se festeje o rico folclore brasileiro. O Brasil, com seus Maracatus, Bumba meu Boi, Pastoris, Ternos, Cheganças, Caiapós, Caboclinhos, Congos, Moçambique, Boi de Mamão, Cucumbis, Canaverde, Quimbete, Chiba, Capoeiras, Cateretê, Quadrilhas, Frevos, Batucadas e mais uma infinidade de danças e cantorias, tem nessas tradições a identidade cultural e a real unidade de seu povo, que dá um caráter único à sua nacionalidade, tanto em sua cultura popular, como em sua formação erudita, bastando, para essa constatação, ouvir o Maestro Heitor Vila Lobos. Em seu livro *MUSICA POPULAR BRASILEIRA*, Oneyda Alvarenga, nos diz: “As referências, musicais ou de origem literária, datam em geral do século XIX, fornecidas por viajantes europeus que por aqui andaram.” e prossegue: “Nos tempos do Brasil colônia (1500-1806), cada um dos elementos étnicos que concorreram em maior parte para a constituição do povo brasileiro (ameríndios, portugueses, negros), possivelmente fazia sua música própria; com o século XIX aparecem traços indicadores de uma originalidade nascente, mas incapazes ainda de motivar uma cor nacional inconfundível; só no último quartel do século XIX é que, fixando elementos até então incertos ou indecisos, a nossa música popular principia a definir-se como criação peculiar e representativa do povo brasileiro.” Nossa cidade também tem, na sua formação, aspectos das culturas ameríndias, portuguesas e negras, porém não encontramos nenhum registro de manifestação folclórica, somente vamos encontrar alguns vestígios dessas manifestações, principalmente, nos festejos carnavalescos. Além da cantiga de roda, “eu fui no Itororó beber água não achei”, Santos não registra nenhuma outra forma de manifestação folclórica, seja de música ou de dança. Ainda menino, eu consegui captar algumas dessas manifestações que, lamentavelmente, se perderam pelo tempo. No morro do Marapé pude presenciar, pelo menos duas vezes, um grupo de Folias do Divino. Esse grupo, muito pequeno, portava bandeiras com a

figura do Espírito Santo e era formado por músicos que tocavam viola, violão, cavaquinho e recoreco de bambu. A música, de caráter religioso, dizia, “Deus lhe dê bom dia, o Divino é que lhe dá, sem passar bem o dia, o Divino há de estimá.” Na década de 60, vindo do interior de Minas Gerais, uma família muito grande de negros veio morar no chalé ao lado do chalé do meu pai. Essa família, extremamente musical, tinha em sua formação um grupo que festejava o Dia de Reis. Esse reisado, Terno de Reis, com bandeiras coloridas e estandarte, além dos mestres e contramestres, também se acompanhavam com viola, violão, cavaquinho e pandeiros e cantavam músicas que exaltavam os Reis Magos. Infelizmente não se tem registro desse Terno de Reis, mesmo porque logo se mudaram do bairro. Outra forma de manifestação folclórica e, que, na verdade, já fazia parte do dia a dia das pessoas daquele pedaço, principalmente, nas festas de Natal, Ano Novo e Reis, além dos dias de carnaval, eram as batucadas que se faziam no chalé do seu Landulfo. Uma roda se formava e os componentes cantavam sambas e chulas raiadas, acompanhadas por cavaquinhos, violões, adufes, pandeiros e até rebecas. “Sou nego velho, nego velho cantador, na fumaça da liamba o nego desencantou.” Esse era o refrão cantado por todos e, em seguida, se adiantava um solista no meio da roda que improvisava outros versos e assim seguia sucessivamente. Importante também eram os jogos e brincadeiras infantis que se realizavam nas ruas de terra batida. Cada qual em sua época. Bolinha de gude, amarelinha, cabra cega, garrafão, espeto, taco, passa anel, mãe da rua, queimada, perna de pau e, durante as festas juninas, além de soltar balões, se faziam os fogareiros para assar batata doce. Durante as festas juninas, Santo Antônio, São João e São Pedro, uma antiga tradição que, vez por outra, ainda teima em se manter, são as quadrilhas caipiras que, atualmente, lamentavelmente, algumas se parecem com caipiras do faroeste americano, por sinal de muito mau gosto. No bairro do Marapé era famosa a quadrilha do Clube Vila Henedina, que ficava no curvão da Avenida Pinheiro Machado. É muito triste constatar o desaparecimento de todas essas tradições populares e, muito mais triste ainda, é a importação de manifestações alienígenas que, além de extrema vulgaridade, não espelham o sentimento e a realidade do povo brasileiro, refletindo apenas a breguice das elites do País. A par de todas as dificuldades para a preservação das tradições e da cultura popular e a inexistência de algum resquício do folclore santista, fico com os grupos de Choro e Chorões como os verdadeiros representantes da cultura e da tradição do povo santista, pois, esses grupos começaram a surgir já em meados do século XIX e se mantem ainda hoje nadando de forma heroica contra a maré.



## **ELTON MEDEIROS**

“Deus nos dá pessoas e coisas, para aprendermos a alegria...  
Depois, retoma coisas e pessoas para ver se já somos capazes da alegria  
sozinhos...

Essa... a alegria que ele quer” (Guimarães Rosa)

25 de abril de 2009, Teatro Coliseu. Majestoso teatro. Lotado. No palco, mais que emocionados, os senhores da Roda de Samba do Ouro Verde se apresentaram com garbo e elegância, deixando os velhos ancestrais orgulhosos, afinal, estava presente, no sagrado palco do Teatro Coliseu, a luz da lanterna que a tradição clareia.

Isso tudo foi possível graças ao convite do Clube do Choro de Santos que, quase como um desafio, propôs à Roda de Samba do Ouro Verde a realização de um show para a comemoração do Dia Nacional e Municipal do Choro com a participação especial (e bota especial nisso) do grande Luizinho 7 cordas e como convidado principal um dos nomes mais importante da história da Música Popular Brasileira. Elton Medeiros. Isso mesmo, o grande poeta e compositor Elton Medeiros.

O Clube do Choro de Santos levou ao palco do mais importante teatro de Santos um verdadeiro show de emoção e beleza naquela noite inesquecível e memorável.

Elton Medeiros, na sua simplicidade de fino trato, na divisão rítmica apurada, voz firme, timbre especial e rara sensibilidade melódica, mostrou durante sua apresentação, a elegante postura de um artista de grandeza reconhecida, tratando a todos que, aliás, conheceu na noite anterior, com muito respeito e humildade.

Elton Medeiros, senhores, não pode, de maneira alguma, ser rotulado apenas como um sambista. A sua história contradiz o rótulo.

Devo confessar senhores que, a minha admiração pelo mestre Elton, que se iniciou lá em meados dos anos 60, na minha adolescência, só fez aumentar e por tudo isso, eu devo agradecer ao Clube do Choro de Santos pela oportunidade de conhecer pessoalmente um dos ídolos da minha juventude e poder, como se fosse um

sonho, dividir o palco com o Mestre Elton Medeiros para então, marcar profundamente em minha memória uma das mais emocionantes apresentações da Roda de Samba do Ouro Verde. Salve Elton Medeiros!

## ACADEMICOS DE HELSINQUE

“Eu vai pra marracangia, eu vai, eu vai de chapéu de paia, eu vai, ô skindô, ô skindô.” (Puxador: Sammi Hyypiä)

Quando o mestre de bateria, mano Teemu Tainio fez a chamada, o Quarteto de Cordas de Lipzig atacou a valsa enredo, o puxador oficial da Escola, Sammi Hyypiä botou fogo na avenida, “Ya, Ya, Ya, é foga no chapa” e a Escola iniciou o seu desfile com harmonia e a cadência de sempre. A plateia foi ao delírio. Trazendo para a avenida uma nova experiência, novidade jamais utilizada, a comissão de frente se apresentou com 12 negros vindos da Nigéria especialmente para o desfile da Marques de Sapucaí com uma rica fantasia de bonecos de neve. O genioso e criativo carnavalesco, Mikael Forssel, explicou a novidade dizendo que a proposta foi mesmo a de causar espanto, provocar uma comoção e um orgasmo geral. As não sei quantas mil pessoas presentes aprovaram a novidade. Explicou ainda o renomado carnavalesco Mikael que, essa nova postura, provocará uma revolução nos desfiles de Escola de Samba. O casal de mestre sala e porta bandeira, Jussi Jaaskelainon e Vesa-Matti Loiri deram um maravilhoso show mostrando todo o garbo e a elegância na ponta dos pés. O público aplaudiu maravilhado. As senhoras da velha Finlândia com suas baianas riquíssimas também foram um show à parte, mostrando toda fidalguia das Tias baianas rodopiando na avenida ao som da bateria nota 10, formada esse ano com o mavioso Quarteto de Cordas de Lipzig, importado da Alemanha. A trepidante valsa enredo deste ano provocou uma verdadeira euforia nos componentes da Escola que cantaram a animada valsa do começo a fim da Marques de Sapucaí. Uma beleza. Os 38 compositores da valsa enredo estavam plenamente recompensados pela aceitação do público que cantou alegremente a valsa, aliás, quase um Danúbio Azul. A Escola de Samba Acadêmicos de Helsinque mais uma vez surpreendeu a todos com as novidades trazidas da Alemanha, Austrália e até da África. O desfile da Marques da Sapucaí nunca mais vai ser o mesmo. Os comentaristas e críticos carnavalescos, não só aprovaram o inusitado desfile, como também concordaram que, finalmente o Carnaval carioca se internacionalizou de uma vez por todas tornando o carnaval brasileiro numa festa verdadeiramente globalizada. Eu cá no meu canto acordei pensando no samba do genial Wilson Batista que diz: “Salsicha a noite não faz boa digestão, eu tive um sonho em alemão.”

## DE VOLTA PARA O FUTURO

“Porque eu só preciso de pés livres, de mãos dadas, e de olhos bem abertos.” (João Guimarães Rosa)

Certa vez, descontente com os caminhos ou descaminhos da Música Popular Brasileira, o genial, turrão e irascível Jacob do Bandolim, vaticinou o fim do Choro.

Jacob do Bandolim, falecido em 1969, não teve tempo, infelizmente, de constatar que a sua profecia estava totalmente equivocada.

Devemos entender, entretanto, a desilusão de Jacob com os rumos da MPB, pois que, naquele período, onde, além do lixo internacional, imperava a ditadura das gravadoras que só se interessavam por música comercial e a histórica fobia do público e da mídia brasileira pela música instrumental. Claro está que a situação piorou para pior. Se Jacob estivesse vivo já teria sofrido uns oitocentos enfartes, pois mesmo com a negação do Choro, naquele período, ao menos o País fervia com os festivais e o aparecimento de grandes compositores. Atualmente o que se percebe, além da histórica aversão pela música instrumental, é a massificação da burrice, a vulgarização da música popular e uma vergonhosa subserviência ao dinheiro pelo dinheiro sem uma clara e transparente disseminação da cultura nacional.

Porém, mesmo com toda essa bizarrice musical que se produz no País, o Choro vai muito bem obrigado. Graças aos esforços dos Clubes do Choro do nosso imenso Brasil e dos Clubes de Choro espalhados por esse mundão de meu Deus, o Choro se mantém vivo e bem vivo descobrindo talentos incríveis e instrumentistas geniais como Hamilton de Holanda, Danilo Brito, Jorge Cardoso, Yamandu Costa, as irmãs do Choro das Três, além do inesquecível Rafael Rabello que, pela sua genialidade conseguiu influenciar uma grande geração de craques do violão de 7 cordas. É de se louvar a iniciativa do Clube do Choro de Santos que, assim como o Clube de Choro de Brasília e a sua bem-sucedida Escola de Choro Rafael Rabello, criou em 2011, a primeira Escola de Choro de Santos, a Escola de Choro e Cidadania Luizinho 7 cordas que, sem dúvida alguma, vai dar ao Choro, em nossa região, um futuro brilhante e promissor.

Esse pessoal, assim como Pixinguinha, Jacob, Waldir, Dino 7 cordas e tantos outros em outros tempos, prepararam o Choro para o século XXI, mantendo a velha

chama da tradição, somando-se aí a vanguarda e a atemporalidade do Choro, pois afirmo, sem medo de errar que o Choro por si é a própria modernidade e a verdadeira essência da alma do povo brasileiro e, por isso, se mantém universal mesmo depois de século e meio de seu nascimento.

Finalmente, num dia desses, o querido amigo Luiz Pires, apaixonado por Choro, numa conversa sobre o futuro do Choro, perguntou o seguinte: “Quando começa o futuro?” Óra meu caro o futuro do Choro começa sempre “na próxima roda de Choro!”

## DOIDA CANÇÃO

*“E assim adormece esse homem que nunca precisa dormir pra sonhar ...”*

O menino, ali no fundão, no pé do morro, ouvia todos os barulhos e sons das ruas, dos botecos, das varandas e dos quintais. De um lado ouvia, lá no Seu Landulpho, valsas e chula raiada. De outro lado ouvia seresteiros e chorões, com seus bandolins, violões e cavaquinhos, lá no chalé do Seu Lili e, ainda lá em cima, no morro, ouvia os tambores do Candomblé de Dona Neném. De todos os sons o coração do menino se encantava mesmo era com a vitrola mágica do Seu Euclides, vizinho do Pai. Certo dia, no final da tarde, o coração do menino desalinhou quando ouviu misteriosa voz numa estranha canção tão misteriosa quanto a voz que tocou na vitrola mágica do Seu Euclides: “No Abaeté tem uma lagoa escura, arrodeada de areia branca, ô de areia branca, ô de areia branca. De manhã cedo se uma lavadeira vai lavar roupa no Abaeté, vai se benzendo porque diz que ouve, ouve azoada do batucajé, ou do batucajé. A Lua se enamorando nas águas do Abaeté, credo, cruz, te desconjuro, quem falou de Abaeté.” A voz forte e misteriosa deixou o menino sem dormir naquela noite, sonhando que ficou com azuada do batucajé. Assustado, o menino sentiu o coração bater descompassado dentro do peito e mesmo assim, no dia seguinte, bem cedinho, correu para a casa do Seu Euclides que, fazendo sempre todas as vontades do curioso menino, pôs na vitrola o disco da música misteriosa e a voz forte invadiu o chalé e o fundão. “Ê noite, é noite. Ê lambaê é lambaio, é lambaê, é lambaio, é lambaê, é lambaio, é lambaio, é lambaio. Pescador não vá pra pesca, pescador não vá pescar, pescador não vá pra pesca que é noite de temporal.” Foi assim que o menino se encantou quando ouviu pela primeira a voz misteriosa de Dorival Caymmi. E assim é que neste ano se comemora o centenário de Dorival Caymmi que nasceu em Salvador, na Bahia, em 30 de abril de 1914. Dorival ainda muito jovem se interessou pelo violão, pois que seu pai, Durval, tocava piano, violão e bandolim e começou a tocar sozinho um violão com acordes estranhos, arrevesados que eram motivos de broncas. Com 23 anos pegou um Ita no Norte e veio pro Rio morar, adeus meu pai, minha mãe, trazendo, além do tatu-bola, filho do tatubolinha, vinte sacos de farinha, uma pequena mala e o famoso violão que ele tocava arrevesado inventando uma nova maneira de tocar o violão. Harmonias e acordes pré-bossa nova

garantem os especialistas e pesquisadores. Além da voz forte e do violão, Caymmi trouxe nos olhos e na alma todo o mar da Bahia, minha jangada vai sair pro mar, quem vem pra beira do mar nunca mais quer voltar, é doce morrer no mar, a jangada saiu com Chico, Ferreira e Bento, a jangada voltou só, vamos chamar o vento, você já foi a Bahia? Então vá, quem não gosta de samba bom sujeito não é e olha que o mar é imenso, um oceano inteiro veio com o poeta da Bahia. Caymmi trouxe ainda na bagagem do coração o pescador que tem dois amores, um bem na terra um bem no mar, na sodade matadeira o coqueiro de Itapoã, areia de Itapoã e ensinou quem quiser vatapá que saiba fazer, advertindo ainda, lá vem a baiana de saia rendada, sandália enfeitada vem me convidar para dançar. Como disse Tárík de Souza, “Ele é um dos pontos cardeais de uma MPB atemporal, esculpida pelos elementos básicos. O vento que enfuna a vela, o mar que carrega o barco, o fogo feminino do estro sestroso e a terra em que o pescador Carapeba – batizado como João Valentão – nem precisa dormir para sonhar”. Caymmi não foi só para Maracangalha, de jangada foi navegar pelos altos mares do mundo com sua música, acompanhado por muitas musas, Marina, Tereza, Dora, Gabriela, Doralice, Adalgiza, Francisca dos Santos Flores, Rosa Morena, Maria Amélia e muitas Maricotinhas com seus vestidos de bolero, lero, lero, além das que tiram o juízo do homem que vai trabalhar e que dez horas da noite na rua deserta a negra mercado parece um lamento. Caymmi nos contou ainda sobre as 365 Igrejas de Salvador, além dos segredos da Senhora do Mar e Mãe Menininha, ele mesmo um Obá de Xangô. Em 1939, Caymmi conhece a cantora Stella Maris, de nome Adelaide Tostes, cantando num programa de calouro da Rádio Nacional o “Último Desejo” de Noel Rosa e se apaixona, casando já em 1940, tendo com ela três filhos, Nana (1941), Dori (1943) e Danilo (1948). Dorival Caymmi, assim como encantou aquele menino, lá no pequeno mundo no pé do morro, sem dúvida alguma encantou o coração de uma infinidade de outros meninos por esse Brasil à fora. Na sua derradeira canção, doida canção, Dorival Caymmi resume o seu amor pela sua arte quando diz: “Doida canção que não fui eu que fiz.” Eis aí a derradeira canção – SARGAÇO O MAR “Quando se for esse fim de som, Doida canção Que não fui eu que fiz Verde luz, verde cor de arrebentação Sargaço o mar, sargaço o ar Deusa do amor, deusa do mar Alucinado desesperar Quero morrer pra viver com Iemanjá.” Ah! Ai que saudade eu tenho da Bahia. Através da música de Dorival Caymmi o menino chegou a ter muitas saudades da Bahia sem nunca ter ido lá, hoje não tem mais não.

## MIÚCHA DOCE (EN) CANTO

Cá no meu canto tenho as Divas Dalva, Elis, Elizete, Elza, Bilie, Nana, Alaíde e o coração da voz de Miúcha e seu silêncio e respiração. Achei por bem então escrever minhas falas do doce canto de Miúcha.

Sei de Miúcha de há muito, não sei explicar, mas a vejo de tudo com o João do Vale, que tive a honra de conhecer cá na terrinha num show com Chico Buarque, irmão de Miúcha, em homenagem ao ídolo Pagão. Bem pelos anos oitenta e um pouco mais é que eu, entre tantas cantoras e cantorias me dou com a doce voz da Miúcha cantando com João, o Gilberto e o do Vale, com Tom e tantos mais e assim veio também cá pro meu canto de casa.

Vai de Cabrochinha a Gente Humilde com a mesma paz de quem sabe sempre o que quer. Fiquei apaixonado pelo Samba Erudito do Vanzolini em gravação deliciosa, e mais, e Dai e Dai – preguem avisos, fechem portas, ponham guizos e vamos em frente que atrás vem gente.

Miúcha de muitos idiomas, de muitas palavras outras, cantora desse mundão e coração do João, do Ary, do Tom, do Dorival e do irmão, e de muitos mais e de todos os brasis. Agradeço a Miúcha pelo Refém da Solidão do fundo da alma que cantou um dia que escutei e escutei e guardei no peito pelo querido amigo Nelsinho Boneca que amava Miúcha – “Infelizmente eu nada fiz, não fui feliz e nem infeliz, eu fui somente um aprendiz”. “Vai ver até que essa vida é morte e a morte é a vida que se quer.”

Miúcha, vamos vendo a vida passar ouvindo sua voz e seus silêncios e pausas e a respiração e o sopro do coração.

Ouçó que ouçó você e as “águas de março” com João. É o pé, é o chão, uma ave no céu, uma ave no chão e a voz de Miúcha e a voz do João e é assim que a vida rola e se desenrola, de cá pra lá e de lá pra cá.

Fico muito mais, Miúcha, remoendo os versos de Ary “na batucada da vida”, ouvindo palavra por palavra que é a ferramenta do cantor e da cantora, pra dar voz a palavra do autor.

Agradeço Miúcha a companhia de tantos anos, de LPs perdidos em incessantes mudanças e, também não sei como explicar, ouvir, um dia, nos seus preciosos silêncios e pausas e a voz de acalantar, o “Engomadinho”, de Pedro Caetano e



Claudionor Cruz – “De terno branco, todo engomadinho, todo faceiro carregando o pinho, já vem chegando o meu feliz cantor, salve o seresteiro, salve o meu amor.”

Só mesmo com Miúcha é possível levar a vida tocando o nosso bonde, às vezes carregado e outras nem tanto.

## BEDEL DO CORAÇÃO

“Mulher sempre é mulher, se pede uma flor a gente lhe dá ela exige uma estrela e se por acaso não obtê-la” (Sozinha)

Pois é, com versos simples, lá de Porto Alegre, o homem transforma essa simplicidade em rimas de primeira, “estrela” e “obtê-la”, ao cantar o “causo” de uma mulher que vestia trapos de chitas que trocou por cetim e que fugiu com o doutor que ele mesmo pagou para curar os seus bichos de pé e os versos e as canções do homem simples do Sul se espalhou pelo País. O sonho ou o pesadelo de todo artista, fora de eixo Rio-São Paulo, era o de se mandar para o Sul maravilha, afinal, o vil metal esteve sempre cá por estas bandas. Então vieram os baianos, pernambucanos, cearenses e todos os que faziam música por esse País a fora, a procura de dias melhores e o reconhecimento popular. O tão sonhado sucesso. Hoje não é diferente, porém, a qualidade do que vem pra cá, é nenhuma, já foi tempo que chegava por aqui, Dorival Caymmi, João Gilberto, Luperce Miranda, Maestro Severino Araújo e tantos outros, o que chega aqui atualmente é de embrulhar o estômago. Fico devendo o nome das figuras, pois não tenho nem coragem de falar desses “artistas”. Nascido em 1914, dia 19 de setembro, em Porto Alegre, antigo dos Casais, tal qual na canção popular, numa família de 18 irmãos, Lupicínio Rodrigues, ao contrário da maioria dos artistas, fora do eixo Rio-São Paulo, sem sair de seu Estado, se tornou um dos maiores artistas do Brasil e um dos compositores mais importantes da Música Popular Brasileira. Sendo o primeiro filho homem da enorme família, Lupi, como era conhecido, foi um menino igual a tantos outros do seu tempo que vivia jogando bola nos campinhos dos terrenos baldios. Apaixonado pela bola logo se tornou um fanático torcedor do Grêmio, para o qual compôs o Hino. Com doze anos já compunha marchinhas para os Blocos carnavalescos do seu bairro.

Adolescente, logo passou a frequentar os bares onde ficava bebendo e cantando com os camaradas até tarde da noite. Preocupado com o talento do filho para a boemia, “Seu” Chico não teve outra saída, apresentou o menino como “voluntário” no exército. Mesmo assim Lupi continuou a compor marchinhas para os blocos de rua. Dando baixa do exército, como Cabo, em 1935, Lupi consegue um emprego de bedel na Faculdade de Direito. Em 1937, Lupi alcança sucesso nacional com o samba “Se acaso você chegasse” (com Felisberto Martins) gravado pelo cantor

Cyro Monteiro. A partir desse estrondoso sucesso Lupicínio nunca mais precisou sair do Rio Grande do Sul para se tornar um nome nacional. Em 1939, Lupicínio viaja para o Rio de Janeiro onde fica amigo de Germano Augusto, Wilson Batista, Kid Pepe, Ataulfo Alves e outros. Conheceu ainda o já famoso e grande cantor Francisco Alves que se tornou um dos seus principais intérpretes. Com a simplicidade dos gênios, Lupicínio Rodrigues soube como ninguém captar a alma dos que sofrem por amor e desamor, ilusão e desilusão, traição ou bem querência. Lupi sempre falou e cantou direto ao coração do povo brasileiro, sem meias palavras, sem precisar de metáforas ou truques. A vulgaridade, ao falar dos amantes e das traições, passava bem longe, passava do outro lado da calçada. No clássico “Cadeira Vazia”, ao receber a mulher amada de volta, Lupi diz, “Voltaste, estás bem, estou contente” – para em seguida, de forma definitiva, revelar, “Vou te falar de todo coração, eu não te darei carinho nem afeto, mas pra te abrigar, podes ocupar meu teto, pra te alimentar, podes comer meu pão.” Alguns entendem que a importância de Lupicínio está na criação da chamada música de “dor de cotovelo”, claro está que, Lupi é muito mais que isso, ele está entre os maiores e mais importantes compositores da música deste País. Lupi construiu uma obra fundamental para quem quer entender a alma do povo brasileiro. No clássico “Nervos de Aço” – magistralmente gravado pelo não menos fantástico Jamelão – ele pergunta: “Você sabe o que é ter um amor meu Senhor?” Ter loucura por uma mulher e encontrar esse alguém, meu senhor, ao lado de um tipo qualquer?” – para em seguida responder – “Eu só sei que quando eu a vejo, me dá um desejo de morte ou de dor.” Alertando um amigo prestes a casar, em “Esses Moços”, Lupi compôs uma beleza e com isso arranjou uma boa briga com a noiva do colega – “Esses moços, pobres moços. Ah! Se soubessem o que eu sei, não amavam, não passavam aquilo que já passei.” Certa vez Lupicínio confessou que compôs a bela “Vingança” – gravada por Linda Batista – porque estava naquela “dor de cotovelo” eterna, que ele chamava de federal. Nesta composição, ele não dá moleza – “Ela deve estar bem consciente do que praticou me fazendo passar tanta vergonha com um companheiro” e prossegue “e a vergonha é a herança maior que meu pai me deixou” – diz mais – “Eu não quero mais nada, só vingança, vingança aos Santos clamar” – para arrematar de forma definitiva – “Ela há de rolar como as pedras que rolam na estrada, sem ter nunca um cantinho de seu pra poder descansar.” E assim vai o nosso Lupi, cada canção uma surpresa, cada verso um encantamento. É quase impossível dissecar a obra do mestre, pois, na certa, daria um belo tratado sobre tristeza, alegria, amores, traição, amor eterno, casamento desfeito, ingratidão e todos os sentimentos que envolvem a vida. Lupicínio foi um mestre na tradução da vida dos que amam. Poderia

ainda comentar, através de uma centena de composições, as amarguras da alma humana que Lupi conseguiu, de forma magistral, traduzir em belas canções. Lupicínio Rodrigues que, ficou como tantos mestres, no limbo durante a bossa nova, jovem guarda, tropicália e, ainda, durante todas as boas e péssimas fases da música popular, ressurgiu nos anos 70, aliás, um renascer efêmero, pois faleceu em 1974, deixando um acervo maravilhoso para o Brasil, sem nunca ter saído do amado Rio Grande do Sul. Recomendo ao amigo ouvir a grande obra do Lupicínio Rodrigues, seguindo o fraterno convite ao amigo que ele fez no envoltivo “Cevando o amargo”.

“Amigo, boleia a perna puxe o banco e vá sentando Descansa a palha na orelha e o crioulo vá picando enquanto a chaleira chia o amargo vou cevando foi bom você ter chegado eu quero lhe falar. Um gaúcho apaixonado precisa desabafar, chinoca fugiu de casa com meu amigo João. Bem diz que mulher tem asa na ponta do coração.” Lupicínio Rodrigues sabia das dores do coração. Bedel do coração.

## ENCANTADOR DE MULTIDÕES

“Foi o maior cantor brasileiro de todos os tempos” (João Gilberto)

A música popular deste País comemora, no dia 3 de outubro, o centenário de nascimento do cantor Orlando Silva. Nascido no Rio de Janeiro em 3 de outubro de 1915, Orlando Garcia da Silva, filho de José Celestino da Silva e Balbina Garcia, Orlando Silva se tornou um dos maiores cantores do Brasil, se não o maior. Orlando Silva, de infância muito pobre, começou a trabalhar muito cedo, mesmo porque seu pai morreu de gripe espanhola, quando ele tinha 3 anos apenas. Pela pobreza da família, Orlando teve que trabalhar muito cedo, por esse motivo teve que abandonar os estudos muito cedo. Foi trabalhar entregando marmitas e como não tinha sapatos fazia o serviço descalço. Aos dezesseis anos caiu do bonde perdendo um quarto do pé esquerdo e para suportar a dor teve seu primeiro contato com a morfina. Nessas alturas já era muito fã do rei da voz Francisco Alves e cantarolava as músicas do ídolo. Aos 18 anos, na garagem de uma empresa de ônibus onde trabalhava, Orlando começou a cantarolando deixando o pessoal encantado. A voz de Orlando, além do timbre lindo, tinha uma tessitura de mais de duas oitavas. Passou a cantar todos os dias depois do trabalho. Um amigo logo levou Orlando para um teste na Rádio Cajuti. Lá foi recebido pelo produtor Luiz Barboza que pediu que ele cantasse. Muito tímido, Orlando, fez o teste cantando a valsa Céu Moreno. Sua linda voz tomou conta do ambiente deixando todos impressionados, principalmente o compositor Bororó que, entusiasmado, o levou para o Rei da Voz Francisco Alves. O encontro deu-se no centro cidade. Chico Alves ficou penalizado ao ver aquele garoto tímido e muito magrinho. Pediu para o menino entrar no carro e ali mesmo cantar alguma coisa. Quase em pânico, Orlando Silva, ficou um bom tempo mudo, tempo depois se pôs a cantar “Lágrimas”, valsa de Cândido das Neves. Fortemente impressionado com o poder e a beleza da voz de Orlando, o “Rei da Voz” não podia acreditar no que estava ouvindo e mesmo com certa insegurança apresentou o menino em seu programa na Rádio Guanabara. Mais tranquilo Orlando cantou como se em casa estivesse mostrando toda sua capacidade de interpretação e, claro, a bela voz. Passados dois anos o sucesso de Orlando foi estrondoso e fulminante. A partir de 1937, Orlando Silva já na gravadora RCA Victor, fazia enorme sucesso na Rádio Nacional que o projetou para o país inteiro, por isso mesmo passou a ser procurado pelos grandes

compositores da época. Neste mesmo ano, Orlando gravou dois petardos, “Lábios que beije” de J.Cascata e Leonel Azevedo e “Juramento Falso” de Pedro Caetano. Ainda em 1937 o homem grava duas brasas vivas, uma verdadeira porrada. Lado A: “Carinhoso” de Pixinguinha e Braguinha – Lado B: “Rosa” de Pixinguinha e Otávio Souza. Sucesso assustador que ninguém, nem a gravadora e muito menos Orlando, poderia imaginar. Orlando Silva só vai constatar o grandioso sucesso quando, em uma apresentação no centro de São Paulo, foi atacado pelas fãs totalmente enlouquecidas, nascendo aí o “Cantor das Multidões”. Orlando Silva e mesmo a gravadora não tinham estrutura para suportar o sucesso tão repentino e avassalador e, para agravar mais ainda a situação já difícil, tem início a segunda guerra mundial, obrigando as estações de rádio investir quase que exclusivamente em noticiário deixando os musicais de lado. Com todos esses problemas a vida de Orlando Silva começa fazer água e sofrer diversos revezes. Sua vida amorosa em frangalhos abala a sua já reconhecida e frágil saúde e para piorar a situação, Orlando passa a sofrer de uma séria infecção na gengiva que lhe destruiu parte dos dentes causando dores insuportáveis. Além da bebida, pela segunda vez teve que fazer uso da morfina. Com todo esse sofrimento sua voz perde o brilho, sua popularidade já não era a mesma. Em 1946 é demitido da Rádio Nacional e pela gravadora Odeon. Daí para o ostracismo foi um pulo. Retoma a carreira nos anos 50, quando é chamado de volta pela Rádio Nacional e diversas gravadoras o procuram também. Com tudo, Orlando Silva já não era mais o mesmo e a fase de luxo e sucesso dos programas de rádio tinham acabado e, para complicar mais ainda surge um novo tipo de comunicação, a televisão e mais tarde um pouquinho, a Bossa Nova. A velha estética de voz poderosa, derramada, carregada nos vibratos e emocional, perde a vez. É preciso, no entanto, considerar que, tanto ele, com sua voz e seu modo de cantar, romântico e emoção na dose certa e mais ainda Mário Reis, sem dúvida alguma serviram de inspiração e de guia para os cantores bossanovistas. Orlando Silva morreu em 7 de agosto de 1978, aos 63 anos. Paulinho da Viola disse certa vez: “Depois do Orlando cantando com arranjos do Pixinguinha e Radamés Gnattali não preciso ouvir mais nada.”

## **DAMA DA CENTRAL**

*“Alguém precisa fazer a fimose neste microfone”* (Aracy em 1980)

Irônica, invocada, sem meias palavras e sem papas na língua, assim era “o samba em pessoa”, Araca ou definitivamente a Dama da Central. Carioca do subúrbio do Encantado, aquele mesmo do samba Caco Velho, do Ary Barroso, que ela gravou, de nome Aracy Teles de Almeida, foi, sem sombra de dúvidas, a principal interprete das músicas do irreverente e genial Noel Rosa.

Nascida em 19 de agosto de 1914, Aracy de Almeida, filha de ferroviário, ainda menina, cantava no coro de Igreja Batista, aos 19 anos, levada pelas mãos do compositor Custódio Mesquita foi cantar na Rádio Educadora onde conheceu o compositor Noel Rosa. Na Rádio Educadora, depois Tamoio, Aracy deu de cara com Noel Rosa que não lhe deu muita atenção, porém, logo se aproximou; “gostei muito, você canta muito bem. De onde você é?”. No mesmo dia, aceitando o convite de Noel, Aracy foi parar lá pelos lados da Taberna da Glória onde conheceu os amigos dele, “uns malandros chapados”. Lá pelas 4 da madrugada, de ônibus, Noel Rosa levou Aracy para casa, chegando ao Engenho de Dentro, foram a pé até o Encantado e acordando a mãe de Aracy, Noel grita; “Vim trazer sua filha aqui”. Depois disso, Aracy passou a conhecer, assim diz ela, com Noel Rosa, os piores lugares do Rio de Janeiro, zona do baixo meretrício, além de conhecer também todos os malandros e a malandragem da boemia da Lapa. O pessoal do Rádio não gostava muito deles. Essa gente não presta, diziam. Além de gravar quase tudo de Noel, Aracy gravou muito mais, entre rumbas, boleros, fox-canção, frevos, sambacação, baião, marchinhas e até cateretê, com Tônico e Tinoco. Aracy fez parte do “cast” das rádios Educadora, Cruzeiro do Sul, Mayrink Veiga, Philips, Cajuti, Ipanema e, algum tempo depois, Tupi e Nacional. Não se deve, em hipótese alguma, simplificar a carreira de Aracy, considerando-se apenas as gravações do repertório de Noel, pois, ela foi muito mais do que isso, foi, na verdade, uma grande cantora, de sofisticada interpretação, divisão perfeita, sabendo usar muito bem sua pequena e anasalada voz, além, é claro, de afinação impecável. Aracy gravou, até 1937, ano da morte de Noel, nove músicas de sua autoria e, nos treze anos seguintes, até 1949, gravou mais cinco músicas, entre elas, o samba “João Ninguém”, a última música gravada. Noel Rosa morreu em 1937 e, junto com suas músicas, ficou no ostracismo por um bom tempo. Em 1948,

contratada pela Boate Vogue, Aracy volta a cantar os sambas de Noel, agora para uma plateia sofisticada, composta de intelectuais, jornalistas e muito diferente daqueles “malandros chapados” amigos de Noel. Desse show, que vai até 1952, pelo sucesso alcançado, um grande disco é produzido, com antigas e inéditas composições de Noel, ganhando, inclusive uma capa de Di Cavalcanti. Com arranjos de Radamés Gnattali, da primeira a última faixa, um grande disco que trouxe Aracy de volta para o sucesso. O sucesso, aliás, foi tão grande que, a gravadora Continental, lançou mais dois discos com a Aracy cantando Noel. Em 1966, já musa dos “bossanovistas”, Aracy volta a gravar, agora pela gravadora Elenco, um show ao lado de Billy Blanco, com a apresentação de Sérgio Porto. Grava ainda, nesse ano, um disco fundamental chamado “Samba é Aracy de Almeida” acompanhada pelo conjunto de Roberto Menescal. Nesse disco estão por lá; Peterpan, Denis Brean, Blota Jr., Evaldo Rui, Lúcio Alves, Humberto Teixeira, David Nasser e outros tantos craques. Descoberta e redescoberta várias vezes, Aracy, em 1968, pede ao compositor Caetano Veloso uma música para gravar.

Caetano compõe o samba “A voz do morto” que, não se sabe por qual razão é censurado. Ainda nesse ano se aventura em um show, na Boate Canto Terzo, com o humorista Pagano Sobrinho. Em 1976, participa de um show, na Boate Igrejinha, chamado “Um homem, uma mulher”, em dupla com a transformista Valéria. Já um tanto esquecida, Aracy, em 1980, participa de um show meio amalucado no Teatro Lira Paulistano com os integrantes do Joelho de Porco, Zé Rodrix, Tico Terpins e outros artistas ligados a vanguarda paulista. Silvio Santos perde, em 1988, uma de suas juradas do tresloucado programa de calouros, afinal, pagava muito bem e em dia. Morre Aracy de Almeida, dia 20 de junho de 1988, a Dama da Central, tranquila e em paz, na sua casa no Encantado, longe dos amigos e dos malandros chapados.



## CABO WILSON

*“Eu sou vadio porque tive inclinação eu me lembro era criança tirava samba-canção” - Wilson Batista (1933)*

Não, amigo leitor não vamos falar aqui da já tão famosa e manjada contenda musical entre Noel Rosa e Wilson Batista, mesmo porque essa polemica, arroz de festa, consegue, lamentavelmente, reduzir a obra de ambos a meia dúzia de composições, algumas, aliás, de gosto duvidoso. A obra, brilhante, de ambos, desmente, de uma vez por todas, a importância de tão pequeno número de composições consideradas na tal polemica.

Ao que tudo indica, aliás, é que a dita polemica começou mesmo foi quando o nosso Cabo Wilson chamou na paleta a famosa Ceci, namorada e musa do grande Noel Rosa. Mais importante que tudo isso mesmo, na verdade, é comemorar o centenário de nascimento e contar um pouco da história desse magistral criador, um dos maiores de todos os tempos da MPB, Wilson Batista de Oliveira, o Cabo Wilson. O homem nascido em 3 de julho de 1913, em Campos, Rio de Janeiro, compôs mais de 350 músicas, de samba a samba-canção, de marcha carnavalescas (ou não) a baião, boleros, fox e o escambau. Uma obra fenomenal, atemporal e de fino trato. Sabendo ler e escrever muito pouco, sem conhecimento de música e batendo apenas uma caixinha de fósforos, Wilson Batista produziu, em 35 anos, uma obra imensa de grande riqueza humana que bem poderia muitas delas, terem sido compostas hoje, sem uma vírgula de alteração. Cabo Wilson foi, sem sombra de dúvidas, um inspirado cronista do seu tempo e da alma humana. Quase um menino, Wilson Batista, chegou ao Rio de Janeiro e logo descobriu a boemia da Lapa e de lá quase nunca mais saiu. Logo se juntou aos malandros, valentões e, claro, muita bebida e muita mulher, arranjando por isso alguns contratempos com a polícia. Ainda um garoto arrumou o primeiro emprego, acendedor de lampiões. Aos quinze anos Wilson compõe seu primeiro samba chamado “Na estrada da vida”, que, para sua felicidade é cantado no teatro pela mais famosa cantora popular da época, Araci Côrtes. Com muitos parceiros, alguns de primeira linha, outros nem tanto, Wilson produzia belas canções arranjando alguns parceiros apenas por questões financeiras, cedendo, inclusive parcerias em troca de almoço. Tudo que ganhava ou o dinheirinho que pedia, gastava tudo na boemia e nas noitadas da Lapa. No contato com a malandragem, com a

boemia, com a vadiagem e com a orgia, sua escola de vida, Cabo Wilson encontrou aí a sua maior fonte de inspiração. Nos poemas e letras foi um autor pioneiro. Em Chico Brito, com Afonso Teixeira, em 1950 escreveu: “valente no morro/dizem que fuma uma erva no norte”. Em 1956, com Jorge de Castro, escancara em “Dolores Sierra”: “com frio e com sede, só, na sarjeta/sorriu para um homem e ganhou sua primeira peseta”. A lista de obras primas é longa, muito longa, caro leitor. O homem foi um gênio da raça. Para nós santistas uma honra. Em meados dos anos 30, Wilson Batista encontra o cantor Erasmo Silva com quem forma a dupla “Verde e Amarelo” e partem em temporada para Buenos Aires. No retorno, Wilson Batista fica em Santos onde fica em temporada na Rádio Atlântica de Santos, por um bom tempo. Wilson Batista era muito modesto. Dá a todos o título de Major se contentando apenas, que o chamem de Cabo Wilson. Na sua curta carreira Wilson Batista escreveu seu nome definitivamente na história da MPB. Em 8 de julho de 1968, aos 55 anos, o coração boêmio de Wilson Batista, já muito castigado parou. Poucos companheiros acompanharam o seu enterro. Como sempre acontece, morreu como quase todos os grandes compositores deste País, pobre e quase indigente. De tantos poemas produzidos pelo grande Wilson Batista destaco um samba pouco conhecido que foi gravado por Jorge Goulart em 1950, chamado “No fim da estrada”.

“Quando chegar o fim da estrada, Tu vais ver que não foste nada não tiveste ideal, nem razão para viver até quem te adorou, fingiste não compreender estou vendo esse fim bem perto tua vida é um deserto se tens as mãos vazias, não debes reclamar ninguém colhe sem plantar nunca quiseste na vida ter um teto, um afeto, um amigo. Chegas ao fim da estrada sem ter quem sofra contigo, pra te perdoar é tarde, quem semeia ventos colhe tempestade”.

E como bem dizia o nosso afamado Mingão, o mais famoso animador de velórios lá do fundão do Marapé, na sua frase preferida quando cumprimentava a família dita enlutada: “É mano velho a vida nunca tem final feliz, afinal o siri anda de lado e o caranguejo anda pra frente!” Salve Wilson Batista, o Cabo Wilson!

## **“CHORANDO” PELO MUNDO**

*“O Choro não é jazz não. Choro é no quintal.” (Didi Canela Grossa)*

Quem poderia imaginar que o Choro, aquela mistura de estilos e sotaques feita lá pela metade do século XIX e que se transformou no primeiro estilo de música popular instrumental urbana brasileira, estaria hoje, mais de um século e meio depois, viajando pelo mundo a fora, sendo executado em outros idiomas, outras linguagens? Henrique Cazes – músico e escritor, no seu livro “Choro: do Quintal ao Municipal”, nos diz: “O que mais fascina e impressiona todos os estudiosos que se aproximam do Choro é o fato de que uma forma de música popular seja ao mesmo tempo sofisticada, comunicativa e extremamente resistente. Nestes tempos, início do século XXI o Choro continua vivo, se renovando e atraindo novas gerações”.

Henrique Cazes afirma ainda que, “no seu início, o Choro, era apenas uma maneira de tocar e somente a partir de 1910, é que passa a ser também uma forma musical definida”. A nossa cidade, por sua influência política, por suas atividades portuárias esteve sempre na vanguarda e, com relação ao Choro também não foi diferente, pois, teve importância fundamental na formação e na difusão dessa música que tão bem expressa a alma brasileira. Já em meados do século XIX, grupos musicais se apresentavam em nossa cidade, executando românticas modinhas, valsas e dengosos lundus, tocando violões, cavaquinhos e pandeiros. Em 1903, em frente ao jornal O Diário de Santos, domingo de carnaval, se apresenta o Grupo dos Boêmios, com bandolins, violões e cavaquinhos. Em 1904, se apresenta em frente ao jornal A Tribuna, o Grupo dos Pierrôs, tocando violões, cavaquinhos, bandolins e pandeiros. Esses grupos musicais, vão evoluir para os típicos grupos de Choro.

Em 1919, surge o primeiro grupo de choro denominado “Choro Carnavalesco”, é o “Sapeca Choro” que, confirmando seu sucesso, faz surgir uma infinidade de outros grupos, manifestação única e típica de nossa cidade e que, lamentavelmente, foi definhando até a sua total extinção no final dos anos 60. O Clube do Choro de Santos, neste ano, vem, através das comemorações do Dia Nacional e Municipal do Choro, abrir um canal de discussão e tentar entender o que tem de tão especial essa música que atrai tantos músicos pelo mundo afora. Atualmente o Choro é executado e estudado por músicos brasileiros e estrangeiros em Lisboa, Dublin, Turim, Paris, Tóquio, Miami, Boston, Nova York, Israel, Londres, Copenhagen e em outras cidades

do mundo, em Clubes do Choro ou, ainda, em rodas de choro nas praças ou em pequenos clubes. Contrariando a tese de alguns que afirmam que o prestígio internacional do Choro deve-se a sua sofisticação harmônica o que lhe confere o título de “jazz brasileiro”, prefiro ficar com o depoimento do músico americano John Berman, natural de Boston (EUA), clarinetista e professor de Jazz, que ouviu pela primeira vez um Choro em 2002 e se transformou num “velho chorão”. John Berman informa que mais e mais músicos norte-americanos estão tocando Choro e resume assim a sua admiração pelas rodas de choro: - “Já na “Roda de Choro” (espaço tradicional de transmissão do conhecimento sobre essa linguagem), o músico compartilha a melodia com outros músicos, sendo a mentalidade mais comunitária, mais integrativa, mais socializada, ao contrário do individualismo da sociedade norte-americana, pois na roda pode entrar quem está aprendendo, ou seja, os veteranos estimulam os principiantes, todo mundo entra no Choro”.